

semanal

www.revide.com.br

revide

VIP

ANO 26 EDIÇÃO 356 Nº 26 - 29 DE JUNHO DE 2007



Imóvel:
A decoração
do escritório

Fundação apóia jovens talentosos

Estudantes com potencial

Opção flex para
o cliente Toyota

Tiragem auditada por:

taniguti & associados

AUDITORES, CONTADORES E CONSULTORES



Grupo de alunos apoiados pela Fundação

Oportunidade para quem precisa

O empresário Luiz Biagi está à frente da Fundação Primeiro Mundo, uma entidade que se especializou em ajudar pessoas com potencial de crescimento profissional

Mariana Secaf

Desde pequeno, quando ainda morava na fazenda do pai, o empresário Maurílio Biagi, Luiz Biagi percebeu que existiam pessoas mais inteligentes que as outras, mas que às vezes não tinham oportunidade para desenvolver suas

capacidades. “A inteligência não está relacionada à classe social, a pessoa nasce com ela”, afirma o empresário.

Com esta visão, aos 17 anos Luiz levou com ele dois filhos de colonos para morar em São Paulo. Com bom humor, o empresário



Luiz criou a Fundação para ajudar pessoas com potencial

relembra que os amigos conseguiram se formar em faculdades melhores. “Eu não consegui entrar em uma faculdade pública e eles estudaram no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e na Politécnica da USP”, recorda Luiz.

Por acreditar na capacidade



Leila: testes revelam o perfil do candidato

dos outros, em 1987, envolvido com a política e a economia do país como um dos representantes do setor sucroalcooleiro nacional, o empresário passou a questionar o modelo social brasileiro e a falta de oportunidades. Assim, em 1989, liderada por Luiz Biagi, nascia a Fundação Primeiro Mundo, uma entidade que busca o apoio de empresas para subsidiar os estudos de pessoas especiais. "Queria contribuir de alguma forma para melhorar o meu ambiente, e esse foi o caminho que escolhi", explica o empresário, que instalou a Fundação Primeiro Mundo numa bucólica fazenda em Cravinhos.

Inteligência superior à média, vivacidade, rebeldia e idealismo são os pré-requisitos para o aluno ser um bolsista da Fundação. "A pessoa não pode ser conformada, precisa querer mudar, crescer e ter ideais", avalia Luiz Biagi. Para participar da Primeiro Mundo, o candidato passa por uma entrevista e seu currículo



Com ajuda da Fundação, Juliana descobriu sua vocação

escolar é submetido a uma avaliação. Um professor do candidato encaminha uma carta de apresentação. Posteriormente, são feitos uma série de testes psicológicos. "Se o candidato passa por essas etapas, vamos pessoalmente a sua casa conhecer a família e ver se ele tem apoio dos pais", informa Leila Marcolini, psicóloga da Fundação desde 2003.

Apoiando pessoas com um



Valéria soube aproveitar a oportunidade

perfil intelectual acima da média, a Fundação acredita que esses profissionais de destaque produzirão um efeito multiplicador no mercado, trabalhando como juizes, promotores, médicos, diretores de hospitais, jornalistas e engenheiros. "Se não tivesse recebido o apoio do Luiz, não teria conseguido realizar o meu sonho. A Fundação me ajudou a descobrir a minha vocação e apoiou os meus estudos", conta Juliana Caliento, jornalista, assessora e sócia da Conceito Comunicação. A administradora de empresas Valéria Dacanai, foi um dos estudantes ajudados pela Fundação. Ela ganhou uma bolsa de 50% durante os quatro anos de faculdade. "Aproveitei a oportunidade. Era um curso que eu queria fazer. Saí da faculdade empregada na minha área", comenta Valéria.

Em 20 anos, cerca de mil profissionais no Brasil e no mundo foram bolsistas da Fundação. Alguns jovens ainda não tinham escolhido a profissão. "Cheguei à



Rodrigo recebeu apoio na hora de escolher o curso



Kátia: vale a pena investir no jovem

Fundação quando não sabia o que iria fazer da vida. Na época, fiz cursinho e não passei no vestibular. Tentei estudar numa faculdade particular, mas parei por falta de dinheiro. Consegui uma bolsa e fui em frente,” lembra o analista de sistema Rodrigo Pessini. “No Brasil, muita gente fala em apoiar os jovens, mas poucas empresas e entidades fazem um trabalho como o da Fundação Primeiro Mundo. É difícil encontrar gente disposta a investir”, comenta Kátia Cristina Pioli Orteiro, formada em Propaganda e Marketing. **“Dar oportunidade às pessoas que querem mudar, crescer, é um trabalho fundamental,”** afirma a cardiologista Tatiana de Oliveira Martins, que hoje procura retribuir a ajuda que recebeu dentro da sua profissão.

Além de patrocinar estudos em universidades públicas e particulares, a Fundação Primeiro Mundo apóia outros trabalhos como o Projeto Lua Nova, desenvolvido em Sorocaba pela Soro-



Tatiana quer retribuir a ajuda que recebeu

caba Refrescos. A Lua Nova promove a inclusão social de mães adolescentes, usuárias de drogas, com histórias marcadas por experiências de abandono precoce, violência ou marginalização. No projeto, as mães são amparadas para conseguirem um equilíbrio emocional. Elas também desenvolvem habilidades para obter uma sustentação financeira e educarem os filhos.

Em Cravinhos, a Fundação, junto com a Prefeitura ajuda a retirar as crianças da rua. Além disso, a Primeiro Mundo apóia uma creche que atende diariamente 300 crianças. As crianças estudam, recebem transporte e alimentação. A Fundação Primeiro Mundo é mantida com as contribuições da Sorocaba Refrescos S/A, Companhia de Bebidas Ipiranga, Sermatec Indústria e Montagens Ltda., Renk Zanini S.A Equipamentos Industriais, Cibrapar Veículos Ltda. (Araçatuba), Cibrapar Veículos Ltda. (Araraquara), Normandie Veículos Ltda., Fazenda Cravinhos e Edilah Lacerda Biagi. ■



Formação

“A Fundação Primeiro Mundo me ajudou no aperfeiçoamento pessoal e profissional. Na minha formação de museóloga, a ajuda foi decisiva. Mesmo depois de formada, recebi apoio para fazer cursos no exterior. Quando comecei o trabalho no Museu Casa de Portinari, o Luiz investiu no projeto e está conosco até hoje.”

Angélica Fabbri, museóloga e responsável pelo Museu de Portinari.

Sonho

“A Fundação ajudou na minha formação. Apesar da USP ser uma faculdade pública, precisava de recursos para os livros, materiais e a moradia. Eu também precisava falar inglês e a Primeiro Mundo custeou isso tudo. Entrei na USP em 2001 e me formei em 2006. Atualmente, estou me especializando em Nefrologia. Meu sonho era fazer Medicina e entrar na faculdade pública. Consegui realizar esse sonho.”

Camila Bastos, médica



Apoio psicológico

“Em 1999, quando passei no vestibular da USP, tive contato com a Fundação. Até 2004, todos os meses, rigorosamente, recebi apoio para estudar. Como minha faculdade é pública, a Fundação ajudou a me manter em São Paulo, seja na moradia, compra de livros, ou na alimentação. Hoje, sou Engenheiro na Cersa. Além do auxílio financeiro, o apoio psicológico também foi muito importante. Mantinha contato com o pessoal por e-mail, telefone e carta.”

Leonardo Gaeta Nantes, Engenheiro



Realização profissional

“A Fundação possibilitou que eu cursasse uma faculdade. Na época, eu não tinha condições para bancar uma universidade. Havia tentado as escolas públicas sem sucesso. A Fundação Primeiro Mundo custeou os meus estudos em uma escola particular. Hoje, sou diretora de uma empresa na área de marketing e estou muito bem graças a esse apoio. Muitas pessoas têm grande potencial, mas não têm condições financeiras. A grande lição é que todo mundo pode encontrar uma maneira de ajudar, independentemente do dinheiro. Hoje, incentivo as pessoas próximas para que estudem e trabalhem.”

Tânia Galdeano, diretora da Rede de Hotel Plaza Inn.



Oportunidade

“Trabalho como Analista de Sistema Sênior da Leão Engenharia, ajudando na parte de informática da empresa. Sou formado pela Unip, em 2002. Considero fundamental essa ajuda para pessoas que têm potencial de trabalho. Há uma cláusula no contrato com a Fundação que diz que quando você concluir a sua formação deve investir pelo menos dois anos da sua produção no Brasil. Isso faz com que você reverta seu trabalho para o país.”

Fabiano Armando, formado em Ciência da Computação.



Fundamental

“O fato de alguém ter apostado em mim despertou a minha vontade de investir em outros quando eu tiver a oportunidade. Ao entrar na Fundação, você desenvolve a preocupação com o próximo e isso é mais importante do que o próprio investimento na área profissional.

O apoio que recebi foi uma oportunidade única. Em 1999, eu tinha acabado de concluir o ensino médio e ainda estava em dúvida do que iria cursar. Também procurava emprego para pagar meu cursinho. A Fundação custeou o pré-vestibular para que eu tentasse realizar o meu sonho de entrar numa universidade pública. Passei na Unesp/Bauru e a Fundação pagou a manutenção dos quatro anos na faculdade.”

Veridiana Souza Ribeiro, jornalista do Jornal A Cidade.

